

EXPERIMENTAÇÕES GRÁFICAS NA ETNOGRAFIA: OBSERVAÇÕES E VISUALIDADES SOBRE A 32ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA¹

Katianne de Sousa Almeida²

Resumo: De que forma um evento científico brasileiro torna-se um espaço experimental para desafiar os limites das fronteiras disciplinares, especificamente, no campo da Antropologia? Neste relato de campo exploro as potencialidades criativas evocadas nas atividades relacionadas à 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) que ocorreu, pela primeira vez, em formato remoto, no ano de 2020. A etnografia online do evento contou com colagens e desenhos que possibilitaram um debate mais amplo quanto às sutilezas de um campo disciplinar composto por gêneros invisíveis, inaudíveis e indizíveis. Entre rupturas e continuidades, as saídas são diversas e as propostas de fluidez para os fazeres antropológicos convergem para o encontro com o espírito vivo da construção da ciência social.

Palavras-chave: Evento acadêmico. Experimentações. Epistemologias gráficas. 32ª RBA.

GRAPHIC EXPERIMENTS IN ETHNOGRAPHY: OBSERVATIONS AND VISUALITIES ON THE 32ND BRAZILIAN ANTHROPOLOGY CONFERENCE

Abstract: How does a Brazilian scientific event become an experimental space to challenge the limits of disciplinary boundaries, specifically, in the field of Anthropology? In this report from the field, I explore the creative potentialities evoked in the activities related to the 32nd Brazilian Meeting of Anthropology (RBA) that took place, for the first time, in remote format, in the year 2020. The online ethnography of the event included collages and drawings that enabled an extensive debate about the nuance of a disciplinary field composed of genres invisible, inaudible, and unspeakable. Between ruptures and continuities, the exits are diverse. Consequently, the proposals of fluidity for the anthropological issues converge to the encounter with the living spirit of the construction of social science.

Keywords: Academic event. Experimentation. Graphic Epistemologies. 32ª RBA.

¹ Esta publicação é um dos desdobramentos da disciplina “Tópicos em Linguística Antropológica” ministrada pela Prof. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães, ofertada no primeiro semestre de 2020 pelo PPGLL/UFG. Agradeço pelos comentários atentos e generosos feitos pela professora e pelo colega Cristiano Celestino Dourado Borges Amorim. Este relato de campo foi a primeira produção como aluna regularmente matriculada no Doutorado do PPGAS/UFG e faz parte do processo de amadurecimento e produção da tese intitulada “Fissuras Epistêmicas na Antropologia: Desenhar para Conhecer” sob a orientação do Prof. Dr. Glauco Batista Ferreira, dentro da linha de pesquisa “Etnografia dos conhecimentos e experimentações etnográficas”.

² Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil. E-mail: katianne_almeida@discente.ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0225-7374>.

A inscrição

O interesse fundamental deste relato de campo foi refletir sobre as dinâmicas do evento acadêmico 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) em um espaço completamente novo para o público e suas(seus) organizadoras(es). Pela primeira vez esta reunião, de dimensões internacionais, ocorreu em formato online.

A Reunião Brasileira de Antropologia ocorre desde 1953 e, conforme a página oficial da Associação Brasileira de Antropologia (ABA)³, vem continuamente sendo responsável pela discussão de questões relacionadas às políticas públicas referentes à educação, à ação social e à defesa dos direitos humanos, por meio da participação das(os) suas(seus) associadas(os), associades e não-associadas(os), não-associades, interessadas(os) e interessades⁴.

Apesar da RBA já ter se estabelecido como um evento científico, que tem sua ocorrência padronizada em biênios desde 1974, em 2020, a demanda que compunha a realização do evento tinha características notoriamente urgentes e necessárias quanto ao cenário governamental brasileiro, como a “desqualificação dos direitos estabelecidos pela constituição e o ataque sistemático às ciências humanas” (Gregori, 2020).

Diante do que foi exposto acima, cabe também explorar os desafios improváveis causados pela emergência mundial em saúde pública desencadeada pela pandemia do vírus SARS-COV-2, responsável pela doença COVID-19, que modificou completamente o modo de vida da população trazendo: o medo da contaminação; a mudança de diversos comportamentos sociais (proibição quanto ao agrupamento; o impedimento quanto à permanência em locais fechados e até mesmo a alteração da forma de se cumprimentar).

Em retrospectiva, para se compreender a dramática transformação do estado “natural” das coisas, a 32ª RBA começou a ser pensada e organizada já dentro da 31ª RBA, em Brasília, no ano de 2018. Nessa ocasião definiu-se o Rio de Janeiro, especificamente a UERJ, para sediar a 32ª Reunião nas datas de 07 a 10 de julho de 2020.

³ Página oficial da ABA: <http://www.portal.abant.org.br/>

⁴ Em toda a publicação proponho usar a flexão de gênero no feminino, no masculino e também a inserção do artigo (e) que indica o gênero não-binário. Essa é uma ação política de não silenciamento dos diversos corpos presentes no evento científico. Ao dar visibilidade a elas e eles assumo um propósito de engajamento na descolonização dos saberes, tendo em vista os temas aqui abordados.

Tinha se passado quase dois anos, em que se estava adiantada a fase de planejamento, sendo que no final do segundo semestre de 2019 já estavam confirmadas algumas Conferências, Mesas Redondas, Simpósios Especiais, Grupos de Trabalhos (GTs), entre outras atividades. No início de 2020, algumas e alguns participantes já confirmavam suas inscrições e até meados de fevereiro já tinham inscrito suas apresentações orais ou pôster em GTs. Portanto, toda a programação seguia conforme as convenções pactuadas.

Todavia, no dia 18 de março de 2020, a ABA divulgou um comunicado em suas redes oficiais expressando seu pesar quanto ao adiamento da 32ª RBA. Neste anúncio, informou-se a inviabilidade da realização da reunião em julho no Rio de Janeiro, pois o público esperado era de aproximadamente três mil pessoas, logo, uma atividade deste porte era problemática no âmbito da segurança sanitária.

Nesta época, as informações ainda estavam vagas quanto à data em que o evento seria remarcado, pois o cenário brasileiro e, principalmente, a cidade onde seria sediada a reunião passava por momentos difíceis quanto aos inúmeros casos de contaminação e internação, em consequência da COVID-19, além da fragilidade quanto ao respeito aos protocolos sanitários nos sistemas de transporte, hospedagem e alimentação para apoiar um evento científico de caráter internacional.

Era quase final do primeiro semestre de 2020 e outro comunicado foi veiculado nas redes oficiais da ABA contendo um novo cronograma e as regras para a RBA Virtual. Sentimentos de insegurança, perplexidade e objeções surgiram, mesmo que algumas(alguns) professoras(es), pesquisadoras(es), alunas(os) e alunes estivessem vivenciando experiências online, por meio de lives pelo Instagram[®], palestras pelo Youtube[®] e aulas pelas plataformas: Google Meet[®], Zoom[®] e Teams[®]. No entanto, ainda pairavam incertezas sobre como seria uma reunião grandiosa no formato online.

Apesar das emoções apontadas anteriormente, o anúncio também tinha sua dubiedade de entendimento. A vivência de momentos dolorosos, na esfera nacional, afluía a urgência para o debate antropológico quanto ao ataque aos direitos, assim como a falta de acesso digno à saúde pública; a desorganização do amparo econômico; a negligência quanto aos atendimentos aos povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, às famílias periféricas; os constantes casos de racismo; a imensa destruição das áreas de proteção ambiental, a citar os incêndios monstruosos na Amazônia e no Pantanal em 2020.

E não poderia deixar de mencionar a repetitiva dificuldade na coexistência com as diferenças. Os meios de comunicação veiculavam intermitentes notícias marcadas pela violência, a exemplo do feminicídio, da xenofobia, assim como as diversas intolerâncias, tais como: a religiosa, a geracional, de gênero e sexual. Conjuntamente neste cenário, percebeu-se o aumento da circulação de ideias contra a eficácia científica, seja do seu valor em si, seja daquelas(es) que a elaboram, as(os) cientistas e cientistas ou também podemos falar da deslegitimação do trabalho das(os) pesquisadoras(es).

As posições da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), instituição responsável pela realização do evento, juntamente com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), foram abraçar o desafio de um projeto inovador para que não fosse perdido um momento de compartilhamento de experiências, de reflexões quanto à produção do conhecimento e, principalmente, assumir publicamente um “posicionamento político quanto à resistência ao autoritarismo, por meio da insubordinação dos saberes” (Gregori, 2020).

Levando em conta o texto de apresentação da 32ª RBA em seu site⁵ nota-se que o objetivo da reunião era promover a “discussão de diversos temas que constituem a investigação da Antropologia brasileira quanto às graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual”. Observa-se aqui um pensamento institucionalizado sobre como se configuraria este evento.

Saberes Insubmissos: Diferenças e Direitos. A enunciação do tema da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), no ano de 2020, expressa a abordagem que seria tratada na reunião trazendo consigo a seguinte questão: o que a desobediência dentro de um campo disciplinar pode vir a nos dizer dentro da produção antropológica contemporânea?

Neste breve espaço de escrita, apresentarei algumas trocas afetivas entre as(os) pesquisadoras(es), bem como as divergências que sinalizaram a academia como um espaço hostil de disputa e, por último, as múltiplas batalhas que colocaram em evidência as rupturas e continuidades na produção do conhecimento científico.

Eventos acadêmicos são espaços de estudos, trocas e, ao mesmo tempo, de acolhimento e afecções. Um ambiente para o pensar e o sentir. [...] Nossa aposta estava alicerçada na compreensão de que o pensar não se descola do sentir, pois a cognição está amalgamada à emoção e à vontade. Trata-se de conexões constitutivas das possibilidades de estar em relação com o conhecimento já produzido e com as

⁵ Página oficial do congresso: <https://www.32rba.abant.org.br/>

diversas práticas culturais, condição para a emergência de algum novo, na ciência, na arte e na vida (Zanella, Peixoto e Costa, 2020:175).

Os espaços de trocas de saberes são fundamentais para o debate e, conseqüentemente, o amadurecimento de todo o processo constitutivo da produção do conhecimento científico. Quando se apresenta uma pesquisa em eventos acadêmicos obtém-se recomendações quanto à revisão de literatura, uma possível averiguação de metodologia, entre outras considerações. Em síntese, este é um espaço para o crescimento das(os) pesquisadoras(es).

Retomando sobre a construção desta publicação, o relato de campo articulou-se em tópicos que conversam com a própria linguagem do evento. Nesta introdução, por exemplo, o título “A Inscrição” explicita o cenário da pesquisa: a 32ª RBA, seu contexto histórico, da mesma maneira, os eventos que desencadearam a realização da reunião em caráter online, ou remoto.

A segunda seção, denominada “Conferência de Abertura Textual”, apresenta uma tentativa de situar a leitora (o leitor) à proposta de articulação da produção textual à experiência de campo vivida. O tópico seguinte, “Mesa Redonda: a Arte de Experimentar”, explora as possibilidades fundamentadas em experimentações gráficas dentro da Antropologia, o que significam essas experiências quanto às rupturas e continuidades dentro do campo antropológico.

O quarto tópico, “Minicurso: Colando Conceitos”, exprime, de forma visual, em específico, com colagens, o desafio proposto na pré-RBA nas conversas dentro da Oficina 01 “Não deixe que o realismo te confunda: não queremos convencer ninguém. Ensaio etnográfico da Reunião Brasileira de Antropologia”. Para a discussão seguinte que articula o desenho e a escrita, evidencio as potencialidades das falas das(os) participantes dentro da plataforma usada para se “territorializar” a RBA, o Zoom®. Pensei esse tópico como “Grupo de Trabalho: um Zoom Narrativo”, em que se expresse as narrativas por meio do seu “caráter pluralista e relacional, nos fortes afetos que as histórias podem gerar e como elas estão emaranhadas” (Tamboukou, 2015:37).

Ao final, igualmente, o desenho e a escrita se conectam para apresentar o “Simpósio Especial de Encerramento: No Caldeirão da Ciência”, quando as principais questões se voltam para a virada discursiva, para o que as pessoas disseram e como disseram (Cameron, 1992). Desse modo, o fechamento argumentativo está na

compreensão de que o conhecimento é uma construção social que pode ser alterada e questionada (Olesen, 2006).

Conferência de Abertura Textual

Esta publicação tem o desafio de descrever, interpretar e apresentar a metodologia de uma experimentação gráfica, ao realizar uma etnografia da 32ª RBA. É importante demonstrar a magnitude desta reunião, ao elencar suas numerosas atividades, sejam elas existentes no pré-evento, durante o mesmo ou no pós-evento, especificamente, neste último, ressaltar a Conferência “Mesa de Costura: Antropoéticas, outras (etno)grafias”.

As atividades que antecederam o evento foram: Pré RBA do Comitê de Patrimônios e Museus; Pré RBA – Prêmio Pierre Verger; Pré RBA – Capítulo Brasil do II Congresso Internacional de Antropologias do Sul. Dentro da programação, ou seja, entre os dias 30 de outubro a 6 de novembro de 2020, ocorreram: 2 Minicursos; 6 Conferências; 7 Oficinas; 36 Simpósios Especiais; 43 Mesas Redondas; 81 Grupos de Trabalho. Foram realizadas 6 premiações como os Prêmios Pierre Verger, Lévi-Strauss, Lélia Gonzalez, Heloisa Alberto Torres, Antropologia e Direitos Humanos e o Prêmio ABA de Ensino de Antropologia.

O evento também foi marcado por homenagens, como o Tributo a Florestan Fernandes e a Homenagem e Honra aos Mortos no dia 02 de novembro. Assim como diversas Reuniões de Trabalho; a Mostra Pierre Verger de Desenhos, Fotos e Filmes Etnográficos; Lançamentos e Feiras de livros; a Assembleia Geral e o Show de encerramento.

Uma das postagens contidas no perfil oficial do Instagram[®] da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), @aba_antropologia, anunciou que foi um desafio manter as proporções do evento em formato remoto e garantir, também, a qualidade acadêmica já consagrada em eventos anteriores em formato presencial. No Instagram[®] da ABA, foi apresentada a 32ª RBA em números, a citar, 152 inscrições em prêmios, 196 debatedores, 227 apresentadores de Mesas Redondas, 298 apresentadores em Simpósios Especiais, 382 coordenadores de atividades e 1734 apresentadores em Grupos de Trabalhos.

Como algumas(alguns) pesquisadoras(es) estavam em atividades concomitantes, não posso afirmar, por meio dos números apresentados acima, que totalizaram 2.607 participantes e, além disso, a Comissão Organizadora não se manifestou oficialmente sobre este número. Todavia, para acrescentar mais dados ao contexto acima, foi divulgado que participaram 104 pessoas na Comissão Organizadora, 3 pessoas na secretaria da ABA, 12 pessoas na equipe técnica, 96 monitores e também 103 pessoas estavam envolvidas na realização das exposições.

Ao indicar esse levantamento quantitativo de dados gostaria de ressaltar que a minha presença em todas as atividades seria impossível, tendo em vista várias delas ocorrerem no mesmo horário, ou por simplesmente não ter a energia suficiente para participar com atenção e afinco em todas elas.

Isto posto, à leitora e ao leitor deste trabalho destaco os limites da etnografia e da observação e participação em campo, portanto, ao longo das páginas ficará evidente quais as atividades, em específico, realizei a observação-participante, método consagrado em diversas publicações antropológicas que possibilitou o meu olhar “de perto e de dentro”.

Em resumo, foram a etnografia e a observação participante, como método e técnica de pesquisa, respectivamente, as abordagens para se ter acesso aos dados. A etnografia, caminho escolhido para a interlocução, nesta pesquisa, ocorreu na dimensão não presencial, ou seja, online, ou como definido pelo próprio evento em formato remoto. O método etnográfico foi importante para compreender a dimensão de um evento que reuniu diversas(os) pesquisadoras(es) com uma variedade significativa de temáticas, abordagens, questionamentos, posições éticas e políticas.

A decisão pelo método etnográfico tem seu respaldo pelo diálogo com o trabalho de Zimmermann (2016) que afirma que a etnografia não é um método para “manter o conhecimento”, ela é muito mais um projeto de “produção do conhecimento” (p.81).

Nesta perspectiva, a análise teórica, aqui presente, esteve ancorada nas propostas que refletem sobre o desenho na Antropologia, pois esta produção é composta por várias experimentações em campo ora por meio de desenhos, ora por colagens.

De forma muito sintética, eu diria que, ao trazer o desenho para dentro da antropologia, problematizam-se duas dimensões centrais da área: a experiência etnográfica e a produção de narrativas a partir dela. Da primeira, se desdobram questões como as do diálogo entre as subjetividades de investigadores e interlocutores, da busca de horizontalidade entre esses universos, da evocação de

memórias, da produção de trocas e colaboração, mas sobretudo do projeto de viver uma experiência de campo num tempo alongado, de modo sensível, focada em captar o momento e consciente das próprias limitações desse empreendimento. Da segunda, fruto dessa consciência, se enfrentam os problemas da representação e fabricação de uma alteridade sistematizada, objetificada, pela linearidade da voz antropológica e seus jogos hermenêuticos (Ramos, 2010: 25). Contra essas armadilhas, os textos e as imagens artesanais evocariam fragmentos das múltiplas dimensões do processo vivido, dando a ver as possibilidades e impossibilidades da produção (e divulgação) do conhecimento etnográfico e antropológico (Kuschnir, 2016:11).

Ao admitir o desenho como um possível método na produção científica antropológica o elenco como outra forma de pensar conceitos e também uma corporalidade diferente (alongada) de se estar em campo e de refletir sobre os dados coletados, após sair dele, como afirma Kuschnir (*idem*). O desenho constitui-se, portanto, como um esforço analítico de compreensão por meio de imagens.

Retomando o argumento anterior, sobre a metodologia desta pesquisa, a categorizo como proveniente de uma observação participante, pois além de estar inscrita no evento, como participante de uma oficina e comunicadora de GT, também estava assiduamente no campo coletando dados, atentamente embasada em literaturas antropológicas realizadas anteriormente, com a devida acuidade visual, a escuta aguçada, o cuidado para com os detalhes e a capacidade de integrar inúmeras partes em conjuntos oscilantes (Heath e Street, 2008).

Pequenas coisas começam a se tornar significativas em relação a grandes eventos e você começa a ver como esses fatos de maior relevância têm sentido por meio dos breves acontecimentos. Você começa a ver os eventos que observa fazerem parte de um sistema. (Blommaert e Jie, 2010: 30)⁶.

Elucidar as metodologias no início é importante, pois todos esses tópicos serão abordados nas páginas seguintes dentro do maior evento de Antropologia brasileira, a 32ª RBA. Ademais esta etnografia provoca, conectando-se com o próprio tema da reunião “Saberes Insubmissos”, a tornar a escrita um espaço possível para experimentações, especialmente, no que se refere ao campo das imagens e da própria etnografia. Sendo assim, a escrita assume uma postura mais sensível para o diálogo com aquilo que foi observado, ou melhor, será por meio de desenhos e colagens que se pretende tornar viva a produção do conhecimento.

⁶ Ao longo da escrita há diversas traduções pessoais quando se refere aos textos que originalmente estão em inglês nas referências bibliográficas.

[...] na medida em que, singular e precisamente, pedimos a esta imagem que seja tanto mensagem como informação crítica e estética de um real humano; na medida, também, em que esta imagem – e isto, não-lo temos muitas vezes esquecido – alimenta, provoca e engaja, de uma outra maneira do que sob o registro da escrita, nosso pensamento e nosso imaginário (Samain, 1994: 36).

A provocação que Samain nos coloca, sobre as mediações entre a escrita e a imagem, tem o potencial de nos aproximar dos desafios propostos pela 32ª RBA. A produção científica divulgada pelos eventos acadêmicos podem conectar-se a uma análise crítica das ações humanas, entretanto, há o mundo do sensível que a escrita, por vezes, não alcança. Ao fazer uma Antropologia com desenhos, temos mais uma dimensão capaz de capturar elementos que se esquivam.

Contudo, não se quer dizer que as imagens são apenas complementares ao que escapa da escrita, as imagens são “um olhar sobre o mundo, levadas pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a um outro olhar, procurando dar significação a este mundo” (Samain, 1994: 41).

Produções e criações culturais imagéticas estas que, todas, têm, pelo menos, o mérito de serem os reflexos – de sensibilidades, de expectativas, de estilos, de questionamentos, de interesses e de dinâmicas sociais –; conseqüentemente, importantes fontes que poderiam nos revelar visualmente o que as sociedades humanas, em momentos diversos de sua história, procuram dizer, fazer sentir, através de imagens; o que estas sociedades pensam, também, dever viver, esquecer ou promover (idem, 43).

Neste espírito de produções sensíveis na etnografia, os desenhos apresentados não se propõem a expor um aspecto figurativo ou realista daquilo que se observou em campo, portanto, eles desafiam os velhos hábitos mentais de construção argumentativa dentro da produção antropológica. No próximo tópico, abordo as particularidades das produções dos desenhos na etnografia da 32ª RBA.

Mesa Redonda: a Arte de Experimentar

O ato de experimentar é, na maioria das vezes, um salto no desconhecido, tanto por suas características inovadoras e ousadas, quanto por enfrentar uma posição de fluidez que, para alguns, pode significar uma desestabilização perigosa no campo da construção do pensamento científico.

Experimentar é um estado de vivacidade, ou seja, é construir uma ciência viva capaz de duvidar de si mesma constantemente. A dúvida é um dos pilares, ou também podemos dizer a curiosidade, daquilo que compõe a pesquisa.

Quem decide o que conta como pesquisa e em quais critérios as pessoas baseiam suas decisões avaliativas? [...] De modo geral, eu preferiria uma definição ampla de pesquisa. [...] Qualquer envolvimento ativo na descoberta de algo que você não sabia antes deve ter direito ao título de ‘pesquisa’. (Cameron, 1992: 122-124).

Pesquisamos porque queremos entender, compreender, analisar, teorizar, enfim, em todos esses verbos estamos vivenciando um modo de experiência científica. Dentro das atividades que participei na 32ª RBA (partindo da triangulação entre o estar, o ver e o pensar), aquelas que pude considerar como substancialmente reflexivas quanto às experimentações na Antropologia foram: 1) Simpósio Especial 27 Sensorialidades e Decolonialidade: Imagens e Movimentos; 2) GT 03 Antropoéticas: outras (etno)grafias; 3) GT 60: No elã das palavras: contribuições da escrita criativa à etnografia e 4) Conferência “Tom, o Naturalista” com o professor Michael Taussig da Universidade Columbia.

Com a finalidade de captar os nomes e os adjetivos (Heath e Street, 2008), declarados nas falas das(os) participantes durante as atividades que as mesmas e os mesmos integravam, e para compreender o que viria a ser a proposta da experimentação na Antropologia, registrei minhas impressões em um diário. Seguem algumas notas de campo:

Dia 31 de outubro às 10h55 a fala da professora Júlia⁷ explora as potencialidades da autoetnografia, como uma metodologia de pesquisa que desafia os métodos canônicos, ou seja, que reconhece a subjetividade e não tenta camuflar os sentimentos. Ao refletir sobre sua própria biografia, ela, como pesquisadora, compreende as outras relações sociais que também se conectam com suas experiências pessoais. A fala da professora Júlia foi exibida no formato de vídeo, ou seja, pré-gravado para o evento, a fim de evitar problemas técnicos e cortes na sua exposição ao vivo, seja por qualquer fator: oscilação da frequência da internet, falha no áudio, problemas com as imagens transmitidas. Ela apresentou um sério questionamento, sua feição parecia um pouco frustrada por reafirmar a cientificidade de seu trabalho.

Em posteriores apresentações, também no dia 31 de outubro no período matutino, quase se aproximando do horário do almoço, a apresentação da professora Vanessa trouxe à tona a necessidade da escrita ser mais sensível, já que a militante não se desloca da socióloga e tampouco da cantora. Citou como referência a obra de Grada Kilomba e o desafio em tornar o pensamento acadêmico menos engessado. Ao final, também questionou sobre as estratégias para não reduzir a performance ao texto escrito (caderno de campo, 31 de outubro de 2020).

⁷ Os nomes apresentados nas notas de campo são fictícios para preservar a identidade das(os) participantes, sendo este um dos critérios de uma pesquisa ética.

Nesta breve nota proponho o quadro abaixo para análise. Segundo Heath e Street (2008) é necessário considerar os nomes e os adjetivos na pesquisa, pois “permite ao etnógrafo descobrir onde existem lacunas e discordâncias e pensar sobre como o trabalho proposto irá suplementar, resolver e complementar as teorias e informações atualmente disponíveis” (p.51).

Portanto, ao somar as quatro seleções destacadas abaixo, compõe-se um discurso crítico sobre a produção da ciência antropológica na contemporaneidade, que não acompanha, conforme os relatos, novas perspectivas do campo dos afetos, da flexibilidade e, por fim, causa desgastes naqueles que tentam repetidas e, conseqüentemente, infrutíferas ações para romper com a ideia clássica de se fazer ciência.

Nomes	Adjetivos
métodos	canônicos
escrita	sensível
feição	frustrada
pensamento	engessado

Quadro 1: nomes e adjetivos destacados nas notas de campo.

Como alternativa para atravessar as fronteiras rígidas dos formatos da produção científica, algumas respostas emergiram na 32ª RBA. Foi, principalmente, no Simpósio Especial 14 – Epistemologias e Corpos Negros e Indígenas que ouvi reivindicações por “outras” configurações no fazer antropológico, ou seja, a inserção nas disciplinas obrigatórias do curso de Antropologia, tanto na graduação quanto na pós-graduação, as obras produzidas por mulheres, lgbtqi+, negras(os), negres e indígenas.

Sendo assim, para aquelas(aqueles) que estavam palestrando no Simpósio, quanto para as(os) ouvintes, a entrada no ensino superior, principalmente em Universidades Públicas, de estudantes negras(os), negres, indígenas e lgbtqi+ provocaram reflexões e tensões para uma mudança estrutural na produção científica.

Os grupos que durante longos anos foram historicamente exotizados pela Antropologia e ainda hoje são marginalizados dentro das referências bibliográficas, ou melhor, não assumem posição de destaque na teoria do campo disciplinar disputam e provocam a construção de exercícios epistemológicos para refundar a produção teórica sócio-antropológica. Para contribuir com esta análise, seguem mais anotações de campo:

Como a Antropologia foi impactada? Conceitos exógenos que definiam os povos, aos quais eu fazia parte, mas hoje acessando os instrumentais da disciplina falo de dentro pra fora (professora Letícia, caderno de campo, 03 de novembro de 2020).

A antropologia deve ser pensada dentro das perspectivas indígenas. A ideia de salvar os indígenas, que ainda está no imaginário tanto das igrejas, das ONGs, da Antropologia, ou seja, todos esses que sempre detiveram relações com os indígenas, se não estão à serviço do Estado usam a estrutura do Estado. Portanto, existe um extrativismo epistêmico, em que se continua a tutelar os saberes indígenas e negres (professor Lucas, caderno de campo, 03 de novembro de 2020).

Ao que foi exposto nas notas de campo e somando às outras vozes trazidas neste evento, a citar as experimentações no campo do desenho na Antropologia, da Autoetnografia, da Antropologia Visual, da Antropologia Indígena, da Antropologia Preta, da Antropologia dos Afetos, ou seja, das várias camadas poéticas, trago a iminente convocação evocada no evento pós-RBA, “Webinar Mesa de Costura: Antropoéticas, outras (etno)grafias”:

O processo é um lugar de saber. Tem-se a vontade de experimentar para saber algo. É encantar e reencantar no momento do fazer. Pesquisar é criar, é traduzir poeticamente (professora Sara, caderno de campo, 10 de novembro).

Não prezamos pela classificação, mas pelas possibilidades de criação. Seguimos com as costuras (professora Amanda, caderno de campo, 10 de novembro).

Ao apresentar todo esse campo fértil de discussão, trago a minha experiência poética, o que significa outra (etno)grafia sobre as construções de redes dentro da 32ª RBA. Na figura 01 – Redes na RBA – expresso no desenho como percebi a pauta fundamental da interligação dos saberes para o próprio avanço da produção antropológica.



Figura 01 – Título da obra “Redes na RBA” – aquarela e caneta nanquim sobre papel Arches 300g/m², produção da autora, 2020.

Este desenho, de forma gráfica, articula-se com o conceito de cultura como verbo, de Heath e Street (2008). Assim como estes autores, pretendo sistematizar a metáfora da dinâmica e da transformação do campo disciplinar, nas propostas experimentais que os participantes da 32ª RBA trouxeram, indicando seus processos de construções de significados, os recursos comunicativos e a apresentação de diversos sistemas simbólicos.

Ao final deste tópico, destaco que a ilustração acima tem o caráter conceitual, ou seja, não é um retrato literal dos participantes, sua intenção foi demonstrar à leitora e ao leitor a pluralidade daqueles que estavam presentes no evento.

Minicurso: Colando Conceitos

As oficinas, dentro da 32ª RBA, seguiam uma dinâmica de inscrição anterior ao evento, conforme o número de vagas definido pelos coordenadores das atividades. Ao final do mês de setembro, eu fui inserida no grupo do Whatsapp® da Oficina 01 denominado “Ensaio Etnográfico da RBA”. O objetivo do grupo, conforme os administradores, era “traçar as metodologias para a etnografia visual da pandemia em duas oficinas, uma anterior à RBA e outra durante a RBA”.

Segue a metodologia proposta no grupo para fundamentar as produções visuais que seriam debatidas:

1ª semana

Assíncrona: Escolha arbitrariamente um conjunto de páginas de Facebook® de pessoas que você não conhece (amigos de amigos de amigos de amigos) e a partir da observação de suas postagens, temas, vídeos etc. produza textos (podem ser poesias, prosas ou textos analíticos) e imagens (desenhos, colagens, fotografias...).

Síncrona: em um ou dois encontros compartilhamos as produções e discutimos o material produzido e as observações.

2ª semana

Assíncrona: Escolha arbitrariamente um conjunto de páginas do Instagram® de pessoas que você não conhece (amigos de amigos de amigos de amigos) e a partir da observação de suas postagens, temas, vídeos etc. produza textos (podem ser poesias, prosas ou textos analíticos) e imagens (desenhos, colagens, fotografias...).

Síncrona: em um ou dois encontros compartilhamos as produções e discutimos o material produzido e as observações (grupo do Whatsapp® – Ensaio Etnográfico da RBA em 30 de setembro de 2020).

As reuniões síncronas aconteceram dentro da plataforma Google Meet®. A primeira reunião, no dia 05 de outubro, teve o propósito de conversar sobre a bibliografia e a metodologia adotada. No segundo encontro, no dia 19 de outubro, apresentou-se as primeiras produções sobre as páginas acessadas no Facebook®. Neste momento, apresentei duas colagens que comentarei a seguir. Mais reuniões aconteceram respectivamente no dia 26 de outubro, para se compartilhar as produções quanto às páginas acessadas do Instagram® (outra colagem criada), e no dia 28 de outubro, em que a intenção foi apresentar o andamento dos trabalhos para aquelas e aqueles que não estiveram presentes nas sessões anteriores.

Quanto ao dia 28, mesmo eu não podendo participar por outros compromissos, me foi enviado um áudio com a gravação da reunião, em que foi definido que a Oficina 01, durante a 32ª RBA, não ocorreria dentro da plataforma Zoom® (sendo este o meio

oficialmente disponibilizado pela Comissão Organizadora da RBA), pois os integrantes deveriam se comprometer em realizar um ensaio etnográfico visual da 32ª reunião, portanto, precisariam envolver-se nas mais variadas atividades na semana do evento.

Desse modo, as(os) participantes necessitavam estar “livres” para presenciar o máximo de atividades do evento para conseguirem coletar dados de campo que permitissem a confecção do material gráfico ou textual. Então, em decisão conjunta dos membros da oficina, foi marcado para o final do evento, na plataforma Google Meet®, especificamente no dia 07 de novembro às 10h, o compartilhamento dos desenhos, fotografias e, no meu caso, colagens do que foi observado na 32ª RBA.

A metodologia de se trabalhar com redes sociais, principalmente neste contexto de pandemia, dialoga com o discurso do antropólogo Daniel Miller, obtido por meio do seu canal no Youtube. De acordo com o autor, há diversificados contextos online, pois trata-se de uma situação de isolamento social em que “todo mundo está realmente ficando online em um nível sem precedentes e você está compartilhando desse problema, então compartilhe-o” (Miller, 2020).

A partir da tradução das falas do antropólogo inglês Daniel Miller, os autores Balsa e Bazzo (2020) explicitam a perspectiva deste autor quanto a etnografia online em tempos pandêmicos para os leitores brasileiros, como segue a citação:

Você procura ficar lá tempo suficiente para obter um senso de repetição, de tipicidade e, acima de tudo, o que se chama de normatividade. O que as pessoas consideram apropriado ou inapropriado – é interessante notar – se revela com rapidez mesmo online e pode ser estudado. Não é nem necessário olhar para uma quantidade tão vasta de dados assim. Na semana passada, publiquei algo que foi baseado em apenas algumas horas de análise, em busca de significados no campo irlandês onde venho trabalhando, sobre como memes são usados para responder ao COVID-19, explorando as relações entre texto, visual, humor, etc. Nesse conteúdo existem muitos outros antropólogos que trabalham com material digital e, se você ficar online, certamente encontrará muitos recursos úteis (Balsa e Bazzo, 2020: 7).

Com base nessas considerações, percebo que ao estar online, em particular nas redes sociais, acesso espaços onde a interação social é formada por vínculos diretos e indiretos com aqueles que as integram. Portanto, trata-se de um espaço rico para a pesquisa qualitativa, em que se pode analisar tanto os discursos quanto as práticas sociais. Para abordar estes dois conceitos, trago a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC), que reflete sobre a interação dialética entre discursos e práticas sociais, colocando em jogo as ideologias, os valores, as crenças, as instituições e as relações de poder.

A ADC desenvolveu o estudo da linguagem com prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea. A questão central é como o estudo do discurso e da semiose pode contribuir para a crítica a problemas sociais como a discriminação sexista, étnico-racial ou de outra natureza (Magalhães, Martins e Resende, 2017:15).

Apoiada na bagagem teórica e dentro do objetivo da Oficina 01 de trabalhar “formas visuais para pensar a materialidade e a imaterialidade na pandemia a partir de dois grandes temas: ‘relações raciais e cidades’ e ‘trabalho e interseccionalidade’”(Reinheimer, 2020),⁸ adentrei no universo dos amigos, dos amigos, dos amigos da rede social Facebook[®] até onde as páginas dos usuários encontravam-se disponíveis ao acesso, pois dadas as políticas de privacidade desta rede social, algumas informações são visíveis apenas aqueles considerados “amigos”.

Assim como Miller (2020) e também colocado por Heath e Street (2008), nesta pesquisa fiquei atenta quanto às repetições encontradas no Facebook[®]. Desta forma, cito as temáticas que me chamaram a atenção: 1. eleições 2020; 2. *fakes news*⁹; 3. *black lives matter*¹⁰; 4. isolamento; 5. depressão; 6. automedicação.

Diante destes nomes e adjetivos, observei regularidades discursivas. A partir das repetições, confeccionei duas colagens, como recurso analítico de produção do conhecimento tendo a prática artística como linguagem.

⁸ Reinheimer, Patrícia (setembro, 30, 2020 em mensagem no grupo do Whatsapp[®] – Ensaio Etnográfico da RBA).

⁹ Termo mais utilizado do que sua tradução em português: notícias falsas.

¹⁰ *Black lives matter*: em português “vidas negras importam”, movimento ativista internacional que protesta contra a violência direcionada às pessoas negras, principalmente, no que diz respeito aos assassinatos de pessoas negras causados por policiais, por desigualdade e discriminação racial dentro do sistema jurídico e outras discriminações e violências raciais em termos mais amplos.



Figura 02 – Título da obra “Vote” – colagem com imagens de revista sobre papel, produção elaborada pela autora, 2020.

Na figura 02 a colagem “Vote” torna evidente alguns dados empíricos obtidos nas páginas do Facebook[®]. A pesquisa nesta rede social me levou a vários perfis de mulheres acima dos 55 anos que tinham suas fotos com marcas d’água com imagens e números de candidatos, demonstrando, assim, publicamente seus apoios políticos.

O Facebook[®], no mês de outubro de 2020, temporalidade das produções das colagens, parecia um grande palanque eleitoral. Nessas trajetórias distantes de “amigos, de amigos, de amigos” observei pessoas que se associavam ideologicamente com o pensamento político de direita e extrema direita. Tal afirmação foi possível por acessar as páginas e grupos que estas pessoas curtiram¹¹ ou estavam inseridas. As páginas e/ou grupos tinham como temática o retorno à ditadura militar. Estes eram contrários aos princípios democráticos estabelecidos pela Constituição Brasileira de 1988, disseminavam o ódio e a violência contra pessoas que tinham pensamento político de esquerda e apoiavam a liberação de armas de fogo entre a população civil.

Nas páginas e grupos citados circulavam informações contrárias aos direitos fundamentais, sobre os direitos reprodutivos das mulheres, sobre o sistema jurídico e

¹¹ Termo êmico do Facebook[®] para as páginas que as pessoas gostam. O termo êmico descreve categorias próprias do grupo que se está estudando, neste caso, curtir uma postagem é um termo êmico do Facebook[®].

eleitoral brasileiro, do mesmo modo que algumas referências traziam dados falsos, portanto estavam repletos de *fake news*.

**CONSUMIR
BELEZA**

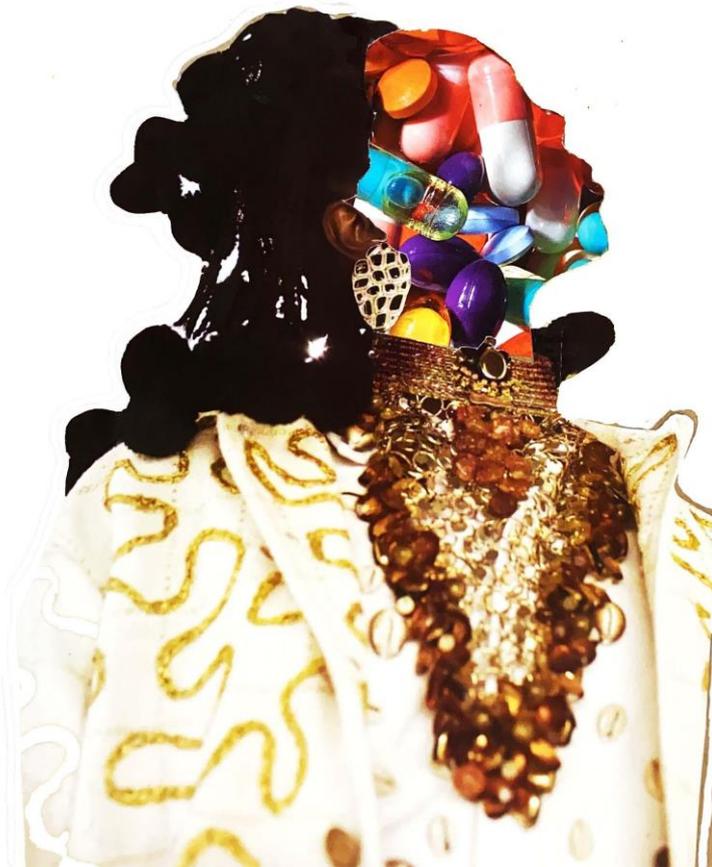


Figura 03 – Título da obra “Consumir Beleza” – colagem com imagens de revista sobre papel, produção elaborada pela autora, 2020.

A figura 03 colagem “Consumir Beleza” – tem um conteúdo relevante a ser discutido, como a interseccionalidade, o trabalho, as relações étnico-raciais e de gênero, saúde, consumo e juventude. Tantos temas elencados seria, portanto, audacioso e imprudente discutir rapidamente neste espaço. Contudo, quero salientar, essencialmente nesta colagem, a reflexão quanto uma faceta da relação entre saúde e consumo: a automedicação. As redes sociais espalharam rapidamente, por seu caráter globalizante e dinâmico, com um alcance colossal, receitas, sem qualquer embasamento científico, para a proteção e/ou cura da COVID-19.

Tanto nos perfis quanto nas páginas curtidas era possível perceber a dimensão da deslegitimação da ciência e o crédito que assumiam os consumos de coquetéis de medicamentos sem qualquer eficácia comprovada. Outro tópico significativo para o debate das páginas curtidas no Facebook[®] é o enaltecimento da beleza negra, como um dos trabalhos constantes da coletividade do grupo em prol da emancipação. Todavia, esse movimento ativista dentro do contexto contemporâneo é frequentemente deslegitimado pelo sistema capitalista.

Assim sendo, a beleza torna-se um espaço dúbio de emancipação e também de violência, em que as mulheres negras de pele mais clara são mais desejáveis para a publicidade e as mulheres retintas encontram todas as barreiras possíveis e o desprezo¹². O consumo e a beleza são, portanto, espaços de fragmentação racial. No entanto, apesar das tentativas constantes de boicote da união das mulheres negras multiplicam-se, na mesma medida, grupos de apoio que fortalecem os discursos emancipadores. Desse modo, na figura 03 fiz a junção entre dois temas que observei uma alta demanda de “sabotagem” tanto na eficácia científica ao uso correto dos medicamentos, quanto à diversidade de raça e gênero.

A investigação dentro da rede social Instagram^{®13} foi mais desafiadora, pois mergulhar no universo dos amigos, dos amigos, dos amigos nesta rede social é praticamente impossível. Para mim, a maioria dos perfis estavam com restrições de visualização, sendo a permissão concedida apenas aos amigos. Com este obstáculo, foquei nos temas “relações raciais, trabalho e interseccionalidades” fazendo uma bricolagem com os dois grandes temas da Oficina 01 acessando os perfis de figuras públicas¹⁴ e influenciadores digitais que, geralmente, têm seus perfis abertos.

¹² Uma leitura aprofundada sobre esta abordagem pode ser encontrada em Davis (2016).

¹³ Dentro do Instagram[®] as pessoas se organizam em redes e os compartilhamentos acontecem dentro de um grupo restrito, ao qual denominamos bolha. O alcance é controlado, conforme a diretriz de privacidade que se orienta para a liberação de informação em diferentes níveis, ou seja, se a conta da(o) usuária(o) for pública ou privada.

¹⁴ Termo êmico do Instagram para contas comerciais de pessoas que se autoidentificam em seu perfil como figuras públicas.



Figura 04 – Título da obra “Novo Cool”, colagem com imagens de revista e aquarela sobre papel Arches, produção elaborada pela autora, 2020.

Dentro do Instagram[®], uma rede social que tinha sua origem baseada no compartilhamento de fotos¹⁵ das(os) suas(seus) usuárias(os) foi mais espontâneo o processo de produção imagética. Ao analisar as postagens de influenciadoras digitais negras, onde concentrei minha observação, percebi repetidas queixas quanto ao uso de suas imagens por pessoas brancas no sentido superficial da luta contra o racismo.

As influenciadoras negras reforçavam a todo momento a perspectiva “não basta não ser racista, é preciso ser antirracista” ratificando que os discursos em redes sociais precisam ser aplicados na prática e cotidianamente. A figura 04, colagem “Novo Cool”, transparece a preocupação e o deslocamento da mulher branca ao evocar as mulheres negras, mas sua preocupação é apenas passageira, ou seja, enquanto durar as *hashtags*¹⁶ “vidas negras importam”.

¹⁵ Na época da produção deste texto a rede social Instagram[®] continuava a manter sua proposta inicial de dar mais foco ao compartilhamento de imagem entre os usuários, esta orientação tornou essa rede social muito famosa, o enfoque estava nas imagens e não nos textos, o que a diferenciava do Facebook[®]. No entanto, com o surgimento da rede social TikTok[®] e sua consequente preferência entre as(os) usuárias(os) mais jovens, a rede social Instagram[®], no segundo semestre de 2021, época de revisão deste trabalho, mudou bastante o seu formato e, atualmente, se configura como uma rede de compartilhamento de Reels, termo êmico para vídeos curtos.

¹⁶ Designa um marcador para identificar o conteúdo sobre um determinado assunto na web.

O cenário da colagem com desenhos em aquarela ajuda no aprofundamento da percepção do isolamento social durante a pandemia, em que as pessoas de dentro de suas casas e apartamentos olhavam o mundo através de suas janelas e para conseguirem lidar, de forma saudável, com o espaço monótono de seus ambientes domésticos se dedicaram a cultivar plantas.

Muitas pessoas de classe média¹⁷, anteriormente à pandemia, tinham uma vida agitada fora de casa e a partir do isolamento procuravam se dedicar a projetos artesanais de decoração e ao cultivo de suculentas, cactos, samambaias entre outras plantas decorativas.

Grupo de Trabalho: um Zoom Narrativo

Conforme o Dicionário Online de Português a palavra *zoom*, de etimologia inglesa, significa um conjunto de lentes que possibilita um aumento significativo da imagem sem que ela se altere ou fique desfocada. Surpreendentemente existe o uso da palavra *zoom* para especificar a plataforma Zoom Meetings[®] usada para videoconferências, em que é possível compartilhar diversos recursos, tais como: compartilhamento de telas, gravação de webinars, upload de reuniões entre outros.

Gostaria de propor o entrelaçamento da etimologia da palavra *zoom* com a plataforma oficial usada para as atividades da 32ª RBA: o Zoom Meeting[®], com o objetivo de interpretar criativamente as práticas sociais e os discursos ocorridos no evento. Para tanto, apresento a quinta imagem com o título “Um olhar atento”. Rompendo com a causalidade da palavra com a plataforma, este tópico acrescenta outras análises de narrativas para a produção antropológica.

¹⁷ A categoria classe média se deu a partir da percepção das imagens de forma material, ou seja, observando historicamente, na rede social, os produtos que consumiram ou que continuavam a consumir, por meio de pedidos pela internet.



Figura 05 – Título da obra “Um olhar atento”, técnica mista (aquarela, nanquim, lápis de cor e caneta marcador) sobre papel Arches 300g/m², produção elaborada pela autora, 2020.

Sabendo do montante de comunicações que ocorreram na 32^a RBA, conforme o quantitativo citado no início, um de seus organizadores chegou a comentar “tinha que ter colocado um aviso nessa 32^a RBA que é: - consuma com moderação”. Ora em um campo imenso desses, neste relato de campo foi necessário escolher onde manteria o olhar atento, ou seja, para quais atividades se daria um “zoom”.

Zoom é um termo que vem da fotografia, como um recurso tecnológico para aproximar ou afastar objetos das lentes da câmera. Uma pesquisa etnográfica também tem esse interesse, tendo como sustentação uma temática específica, a(o) antropóloga(o), antropóloga também fará aproximações ou distanciamentos tanto de seus objetos quanto das teorias disponíveis.

As escolhas sobre o quê se observar não foram arbitrárias para mim, escolhi as Conferências, Mesas Redondas, Simpósios, Oficinas e Grupos de Trabalho que

dialogavam com as propostas de se repensar as epistemologias fundantes da Antropologia, pois diversas atividades aconteceram ao mesmo tempo, sendo assim, era necessário predileções.

Diante das incertezas físicas e simbólicas do contexto atual e incorporada às dimensões éticas, estéticas, políticas e teóricas da Antropologia, estão as sutilezas de um campo composto por gêneros invisíveis, inaudíveis e indizíveis, estes, especificamente aqui tratados dentro das relações entre o desenho e a Antropologia.

Sendo assim, foi sobretudo no GT 03 – Antropoéticas outras (etno)grafias que houve o fascínio para as potencialidades das produções sensíveis e performáticas na Antropologia. Neste GT o interesse estava além de se trazer respostas prontas e objetivas para o campo, mas em colocá-lo o tempo todo em questão, ou melhor, em tensão apresentando suas rupturas e deslocamentos.

As(os) autoras(es), em suas narrativas de apresentação de suas pesquisas, eram questionadas(os) sobre os lugares que se encontravam: eram antropólogas(os), antropólogues? Eram artistas(es)? Eram fotógrafas(os), fotógrafes? Eram poetas(es)? Cantoras(es)?

Ali, neste grupo, estavam ampliados os direitos de narrar e o direito de imaginar o mundo sem os muros, por vezes tidos como intransponíveis dentro dos campos disciplinares. Fazendo a interlocução com os pontos de vista citados acima, para Baynham e De Fina (2017) as narrativas são provas cruciais para se dar sentido aos dados, pois a “narrativa, como gênero executa e condensa ações e análises, avaliações e argumentos sobre ações, dando uma espécie de foco afetivo intensificador para o relato do cotidiano” (Baynham e De Fina, 2017:40).

É amplamente aceito que as narrativas são um meio fundamental pelo qual as pessoas entendem e compartilham suas opiniões sobre experiências, não importa quão grandes ou pequenas, quão transformadoras ou insignificantes. As narrativas são um gênero de discurso onipresente devido às muitas funções que desempenham na vida social. As histórias são contadas para criar um terreno comum e compartilhar experiências, para divertir e instruir, mas também podem ser usadas para diferenciar, para alimentar disputas e discussões (idem:31).

Sintetizo o argumento deste tópico com a fala da mediadora Leila dentro do GT 03 “não existe conhecimento sem deslocamento”. Portanto, ela reafirma que a Antropologia deve ser um território sensível para o processo investigativo experimental, ou seja, um meio para a expansão dos limites da expressão da escrita acadêmica. Como também desafiou o professor Sávio em sua fala no referido GT: “é preciso ter coragem”.

Com esta coragem, apresento a figura 06, a colagem “O que vem por aí”, como uma análise imagética sobre o que foi observado em campo dentro da 32ª RBA, pois algumas(alguns) pesquisadoras(es) reiteradas vezes usaram as palavras rupturas, rompimentos, batalhas, desafios; ou seja, nomes que se associam a disputas. A ideia de disputa foi colocada em evidência, principalmente, por pesquisadoras(es) indígenas e negras(os), negras que criticavam o *modus operandi* da Antropologia que, de acordo com eles, ainda usa epistemologias brancas colonizadoras e dificulta a diversidade dos saberes, dos sujeitos e das metodologias.

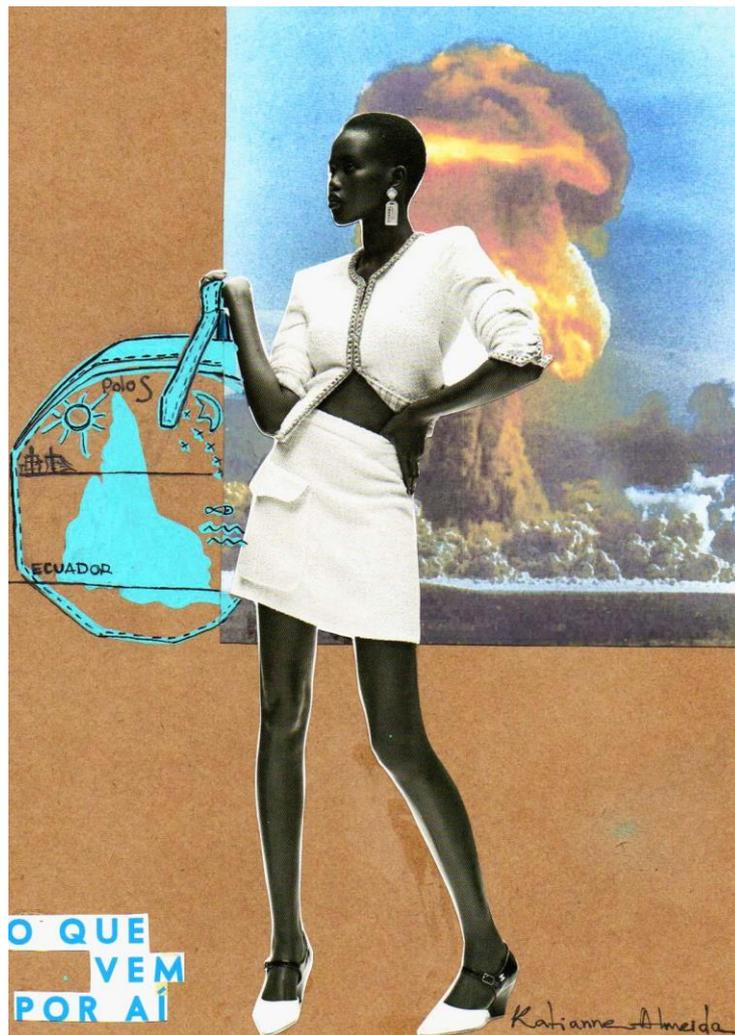


Figura 06 – Título da obra “O que vem por aí” – colagem com imagens de revista e da internet com intervenção de desenho com caneta Posca® e nanquim sobre papel kraft, produção elaborada pela autora, 2020.

A colagem, portanto, é um chamado para a construção de outras Antropologias com a respectiva quebra de paradigmas coloniais, racistas, misóginos, sexistas,

homofóbicos, transfóbicos, capacitistas. Por último, concisamente, coloca-se em questão: “Que lugar é esse da Antropologia em tempos sombrios?”.

Simpósio Especial de Encerramento: No Caldeirão da Ciência

O estímulo para realizar a etnografia sobre a 32ª RBA veio a partir da demanda da disciplina “Tópicos em Linguística Antropológica”, ministrada pela Prof. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães, ofertada no primeiro semestre de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/UFG).

Uma das exigências da disciplina era a produção de uma etnografia, portanto, ao parafrasear um dito popular “unir o útil ao agradável”, elaborei esta pesquisa. Ora, como estava inscrita no evento como comunicadora oral dentro da programação do GT 60 “No elã das palavras: contribuições da escrita criativa à etnografia” com o trabalho intitulado “Fissuras Epistêmicas na Antropologia: Ilustrações e Pensamentos Feministas Negros”, assim como me interessei pela Oficina 01¹⁸ “Não deixe que o realismo te confunda: não queremos convencer ninguém. Ensaio etnográfico da Reunião Brasileira de Antropologia”, me senti provocada a realizar uma etnografia gráfica da 32ª RBA.

A minha proposta de conectar o fazer antropológico com a produção de desenhos, nesse relato de campo sobre a 32ª RBA, também significou experimentar a confecção de colagens. Entretanto, já vivenciei outra experiência de produção acadêmica em que estava presente a relação do desenho e antropologia em 2019 na escrita do artigo “Fissuras Epistêmicas: Ilustrações e Pensamentos Feministas Negros”. Nesta publicação, a intenção foi explorar as potencialidades das narrativas gráficas para um maior detalhamento quanto ao pensamento de algumas pesquisadoras negras, a citar Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Angela Davis, Audre Lord, Patricia Hill Collins, entre outras. Os desenhos assumiram uma forma de pensar e compreender os conjuntos dos pensamentos feministas negros, quanto eles eram silenciados pelas abordagens

¹⁸ Esta oficina pretendia “partir da ideia de ‘sensação-pensamento’ como instrumento de compreensão para ultrapassar o limite das palavras e chegar a significados evocados no encontro dos sujeitos com a experiência do fazer antropologia”. Ela se constituiu de “dois encontros orientadores na produção de uma evocação, por meio de desenhos e fotos etnográficas organizados em um livro, as diversas dimensões desse congresso” (Reinheimer e Elias, 2020).

hegemônicas brancas, europeias e masculinas e como isso afetava a produção do conhecimento.

Ao investir novamente em outra divulgação acadêmica, um esforço reflexivo em torno do desenho e suas especificidades dentro do fazer antropológico, neste caso, dentro de uma etnografia de uma reunião científica, significou uma forma de pensar os desafios do campo disciplinar perante as tensões existentes na contemporaneidade, através dos desdobramentos políticos, como as lutas contra o colonialismo dos saberes, as intervenções das aliadas(os) e aliades e pesquisadoras(es), resultante das políticas de ações afirmativas, diante ao epistemicídio, além do apagamento das produções literárias latinas e das mulheres negras. Todas essas questões foram levantadas como epicentro das proposituras de mudanças para o fazer antropológico nas atividades que pude observar e participar na 32ª RBA.

Ao longo das páginas, trouxe diversos paradoxos que são impostos à construção do pensamento científico e a Antropologia não está alheia a tais dilemas. Dentro das atividades da 32ª RBA notei propostas que estavam debatendo as experimentações para se escapar das amarras convencionais que o campo ainda carrega como ciência colonizadora, assim definida por antropólogas(os) e antropólogos negros, negros, negres e indígenas.

Como desfecho, acredito que incentivar a Antropologia a assumir uma perspectiva experimental é criar condições para que a criatividade não seja apenas um recurso, mas também um aporte teórico.

Desta forma, o último desenho – O Caldeirão – apresenta outra perspectiva da virada epistemológica na disciplina que vem mediada pelo reencantamento do uso do desenho na Antropologia, assim como o interesse da disciplina em desenvolver lentes sensíveis para as etnografias contemporâneas. As(os) antropólogas(os) e antropólogos estão sendo chamadas(os) e chamades por seus próprios pares a darem vida aos seus trabalhos com uma escuta unida à práxis mais sensível e efetivamente coparticipativa com suas(seus) interlocutoras(es).



Figura 07 – Título da obra “O Caldeirão” – aquarela sobre papel Arches 300g/m² com intervenção de desenho digital, produção elaborada pela autora, 2021.

Algumas e alguns participantes da 32^a RBA evidenciaram que a Antropologia produzida nas Universidades ficou produtivista e sem tempo para se entusiasmar com o processo. Logo, a convocação final é por uma escrita criativa que desafie a autoridade etnográfica, o rompimento dos limites das antropologias centrais e a acolhida da convivência entre opostos, a respeito do ficcional versus autêntico, onde as fronteiras em vez de serem descritas como paradoxais sejam tratadas como engrenagens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Katianne de Sousa. Fissuras epistêmicas: ilustrações e pensamentos feministas negros. *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 16, Edição Especial: Epistemologias e Feminismos negros, p. 109-117, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1833> . Acesso em: 09 jul. 2021.

BALSA, Camila e BAZZO, Juliane. *Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social*, por Daniel Miller. [mensagem de um blog]. 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>. Acesso em: 20 dez.2020.

BAYNHAM, Mike e DE FINA, Anna. Narrative analysis in migrant and transnational contexts. In MARTIN-JONES, Marilyn e MARTIN, Deirdre (org.) *Researching Multilingualism Critical and ethnographic perspectives*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2017, p. 31-45.

BLOMMAERT, Jan e JIE, Dong. *Ethnographic fieldwork: a beginner's guide*. Bristol: Multilingual Matters Limited, 2010.

CAMERON, Deborah. Respect, Please! Investigating race, power and language. In CAMERON, Deborah et al (org.). *Researching language: issues of power and method*. Londres: Routledge, 1992, p. 113-130.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GREGORI, Maria Filomena. Conferência de Abertura da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. Youtube, 30 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lqx252Yjgn0>. Acesso em: 19 dez.2020.

HEATH, Shirley Brice e STREET, Brian V. *On Ethnography: approaches to language and literacy research*. New York: Teachers College Press, 2008.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos Arte e Antropologia*, vol. 5, n. 2, p. 5-13, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>. Acesso em: 23 dez. 2020.

MAGALHÃES, Izabel, MARTINS, A.R., RESENDE, V. de M. *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social – Prof. Daniel Miller, Univ. College of London. Youtube, 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WC24b3nzp98>. Acesso em: 19 dez. 2020.

OLESEN, Virgínia L. Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 219-257.

REINHEIMER, Patricia e ELIAS, Alexsânder Nakaóka. OF. 01. Não deixe que o realismo te cofunda: não queremos convencer ninguém. Ensaio etnográfico da Reunião Brasileira de Antropologia. In REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 32., 2020, Rio. *Oficina*. Rio: Instituto de Ciências Sociais/UERJ, 2020. Disponível em: 32rba.abant.org.br. Acesso em: 24 set. 2021.

SAMAIN, Etienne. Para que a Antropologia consiga tornar-se visual com uma breve bibliografia seletiva. In NETO, Antônio Fausto, BRAGA, J.L. e PORTO, Sérgio Bayrell (org.). *BRASIL: comunicação, cultura, política*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1994, p. 33-46.

TAMBOUKOU, Maria. Narrative Phenomena: Entanglements and Intra-actions in Narrative Research. In LIVHOLTS, Mona e TAMBOUKOU, Maria (org.). *Discourse and narrative methods*. Londres: Sage, 2015, p. 37-47.

TV ABA. Conferência 32ª RBA – Michael Taussig. Youtube, 04 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KvuqFGwe4bI>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ZANELLA, Andrea Vieira, PEIXOTO, Kércia Priscilla Figueiredo, COSTA, Thainá Castro. Instalações e interações, arte e vida. In GROSSI, Miriam Pillar e WELTER, Tânia (org.). *Etnografia de um congresso: a organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia no Brasil*. Brasília (DF); Florianópolis (SC): Tribo da ilha, 2020, p. 175-180.

ZIMMERMANN, Martina. Researching student mobility in multilingual Switzerland: reflections on multi-sited ethnography. In MARTIN-JONES, Marilyn e MARTIN, Deirdre (org.). *Researching Multilingualism Critical and ethnographic perspectives*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2017, p. 73-86.